

132 - Organizando as comunidades do campo em Morretes, Paraná, na busca por uma educação do campo

HOELLER, Silvana Cássia. UFPR, silvanano@ufpr.br; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. UFPR, mauriciocesarfagundes@gmail.com; DAHMER Gilson. UFPR, gilsondahmer@gmail.com.

Resumo

O trabalho faz parte de um projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná que visa organizar as comunidades do campo, no município de Morretes - Pr, buscando alternativas de renda local para as famílias envolvidas direta ou indiretamente com a agricultura familiar. A comunidade é composta por 60 famílias que dependem da agricultura familiar e que possuem 01(uma) escola do campo multisseriada que atende 50 crianças das séries iniciais. As famílias participaram de várias reuniões e atividades promovidas pelo projeto, onde as demandas locais foram elencadas e a partir do coletivo formou-se uma associação dos moradores da comunidade rural do Morro Alto com intuito de buscar alternativas de renda e possibilitar o acesso aos direitos as políticas públicas.

Palavras-chave: políticas públicas, renda, agricultura familiar.

Contextualização

A região litorânea do estado do Paraná guarda algumas características bastante peculiares. Embora tenha sido pioneiramente ocupada na expansão colonial da região sul, ficou marcada pelo abandono e pela dependência de curtos ciclos econômicos de expansão. Possui, por outro lado, uma área florestal remanescente de Mata Atlântica que constitui patrimônio natural da humanidade.

A atividade agrícola nesta área é marcada por duas características importantes, a predominância de agricultores familiares, próximos à lógica de subsistência e, em grande parte, com práticas de manejo convencional e tradicional. Sabe-se que a agricultura familiar ocupa um papel muito importante em uma estratégia de desenvolvimento que engloba o objetivo da Segurança Alimentar e Nutricional, que seja economicamente sustentável, com crescente equidade e inclusão. Combinando elementos de oferta e de demanda de alimentos, a agricultura familiar estimula a produção diversificada e amplia a capacidade de consumo de alimentos e de outros bens pelas famílias.

O Litoral paranaense apresenta demandas em termos de educação do campo devido à caracterização camponesa de seus municípios, incluindo pescadores, indígenas, agricultores familiares, populações tradicionais e ribeirinhos. Observa-se que a maioria da população dos municípios de Morretes e Guaraqueçaba reside no meio rural, 53 e 69% respectivamente (IBGE/Censo Demográfico, 2000).

Em Morretes o IDH é de 0,755 (IBGE – Censo Demográfico, IPARDES, 2000), que está abaixo da média estadual que é de 0,787, através desses dados configura-se um desafio social para a Universidade como um todo.



"O saber tradicional e o científico:
a interação encurtando caminhos
para o desenvolvimento sustentável!"

3º Encontro de Produtores
Agroecológicos de MS

16 a 18 de outubro de 2012
Glória de Dourados | Mato Grosso do Sul | Brasil

Além disso, a educação do campo se coloca também frente a um desafio, que é o de considerar a identidade dos povos do campo e suas multidimensões, fortalecendo a educação escolar como processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos.

Entender o campo como um modo de vida social contribui para auto-afirmar a identidade dos povos do campo, para valorizar o seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser, os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza e como ser da natureza. Trata-se de uma valorização que deve se dar pelos próprios povos do campo, numa atitude de recriação da história. Em síntese, o campo retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos povos que nele habitam: assalariados rurais temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, reassentados atingidos por barragens, pequenos proprietários, vileiros rurais, povos das florestas, etnias indígenas, comunidades negras rurais, quilombos, pescadores, ribeirinhos e outros mais.

Tal diversidade encontrada nas populações do campo paranaense sinaliza um fato que não pode ser deixado de lado: as escolas do campo terão presente no seu interior essa conflituosa, portanto rica, diversidade sociocultural e política. A educação do campo deve estar vinculada a um projeto de desenvolvimento peculiar aos sujeitos a qual pertence. São povos que ao longo da história foram explorados e expulsos do campo, devido a um modelo de agricultura capitalista, cujo eixo é a monocultura e a produção em larga escala para a exportação, com o agronegócio, os insumos industriais, agrotóxicos, as sementes transgênicas, o desmatamento irresponsável, a pesca predatória, as queimadas de grandes extensões de florestas e a mão-de-obra escrava.

Portanto, a Universidade tem uma responsabilidade social frente à invisibilidade histórica dos povos do campo. Assim, os projetos de extensão aliados ao ensino e a pesquisa trilham um caminho de resgate da identidade das comunidades do campo, no sentido de construir a partir dos próprios sujeitos a autonomia de ser cidadão.

Então, essa experiência é compartilhada em um caminho que traz consigo a escola do campo e a comunidade em uma perspectiva de organização da vida do campo em toda a sua complexidade.

Descrição da experiência

A comunidade do Morro Alto em Morretes se encontra na diversidade do campo e são compostos por 60 famílias que trabalham direta ou indiretamente no campo como: assalariados rurais, arrendatários, pequenos proprietários, boias-frias e agricultores familiares. A produção é formada por olerícolas predominantemente, que são: mandioca, chuchu, maracujá, feijão, banana, milho e inhame.

A capital Curitiba, PR, que fica a uma distância de 60 km, no período do inverno (maio a agosto) tem a sua demanda por hortaliças supridas pelos agricultores familiares do município de Morretes. Outra característica, é que a maioria das áreas de produção estão localizadas próximas as áreas de proteção ambiental (APA), o que limita a utilização de agrotóxicos. Esse fato ajuda a pensar as áreas de produção de forma agroecológica, fazendo com que os agricultores busquem junto aos órgãos de assistência técnica informações de como produzir sem a utilização dos venenos.

Dentro das perspectivas da produção agroecológica e da identidade da comunidade com o campo, iniciou um processo de estímulo à organização da comunidade do Morro Alto, pois a mesma encontra-se com dificuldades para manter as famílias na terra e, muitos não têm acesso a terra, trabalhando como bóias-frias e assalariados em épocas do aumento de produção.

O processo de organização foi iniciado por meio da escola do campo, onde foram desenvolvidas atividades que valorizassem o sujeito do campo, através de metodologias participativas, em que a comunidade elegia as suas prioridades.

O primeiro encontro buscou reunir as crianças, pais, professores e lideranças comunitárias, mapeando as dificuldades enfrentadas e as demandas que as famílias sentiam a partir da realidade. Os principais pontos levantados junto à comunidade foram: a falta de estrutura na escola (não há livros para o estímulo a leitura); falta de pontes nos rios que dão acesso à comunidade e à escola; falta de atividades de lazer para a comunidade; as mulheres não têm alternativas de renda; as crianças não têm opção de atividades no contra – turno; no período de chuva a comunidade fica isolada e sem o escoamento da produção de hortaliças.

No segundo encontro iniciou-se o processo de formação de uma associação, que ajude a buscar possíveis caminhos e alternativas para os problemas levantados pela comunidade.

No terceiro encontro já se tem um embrião da associação de moradores da comunidade do Morro Alto que começa a busca por soluções de problemas imediatos como a formação de um bazar de arrecadação de recursos para escola. Com as iniciativas da associação, a Universidade também buscou trazer para o espaço da escola oficinas como de: meliponicultura como opção de renda e o tear para o grupo de mulheres.

A partir do quarto encontro buscou-se mapear atividades de médio prazo e que são fundamentais para a comunidade. A água potável é uma das reivindicações das famílias e qual se formalizou um pedido junto a SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná. Outro ponto de discussão é a importância da escola como espaço de aprendizado e de integração com a comunidade que precisa ser fortalecido por meio das parcerias Universidade e Associação. A organização da produção agroecológica é um dos pontos que serão recorrentes das reuniões dentro de um planejamento familiar em que o contexto inicial será o espaço de produção para a subsistência.

Com a formação da associação de pais e mestres – APMF da escola iniciou-se o mapa de acesso aos direitos da escola e da comunidade, assegurando dessa forma, um caminho de autonomia aos sujeitos do coletivo em que suas vozes podem ser ouvidas dentro da sociedade.

Todo esse processo encontrou inúmeras dificuldades, por exemplo, a pressão da Secretaria Municipal de Educação em fazer o fechamento da escola da comunidade, conseqüentemente, as ameaças à professora e a desqualificação da associação frente à mesma. A organização da comunidade em conjunto com a Associação continua, o processo conta com a Universidade Federal do Paraná, seus estudantes e professores.

Resultados

O processo de organização das comunidades é essencial para construção da educação do campo fundamentada na agroecologia. As comunidades como a Morro Alto, geralmente são esquecidas ou invisíveis para o poder público. O papel social da Universidade é fomentar as discussões nas comunidades e estimular a organização dos sujeitos na busca da autonomia e da qualidade de vida.

Nessa perspectiva, a iniciativa junto a Comunidade do Morro Alto tem aspectos positivos, pois trás a escola como espaço de conhecimento e valorização do saber local, trazendo as famílias para o 'pensar a educação do campo', a partir deles próprios.

O trabalho não acaba na formação e organização da associação, mas inicia-se o processo de mapeamento de alternativas de renda com base nos saberes locais, acompanhada da valorização da escola, das famílias e do coletivo.

Portanto, a comunidade começa a sair da invisibilidade e a ver que tem direito de se organizar e buscar caminhos, através da agroecologia e da educação do campo.



Figura 1. Escola Morro Alto. (Hoeller, 2012).



Figura 2. Reunião com a comunidade (Hoeller, 2012).